

# Os diferentes tipos de palavra: investigação acerca da intuição de falantes de português brasileiro

Camila Witt Ulrich

Luiz Carlos da Silva Schwindt

Submetido em 10 de agosto de 2016.

Aceito para publicação em 22 de dezembro de 2016.

*Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 52, dezembro de 2016. p. 531-548

---

## POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.

(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

---

## POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sexta-feira, 30 de dezembro de 2016

23:59:59

**OS DIFERENTES TIPOS DE PALAVRA: INVESTIGAÇÃO  
ACERCA DA INTUIÇÃO DE FALANTES DE PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

**THE DIFFERENT TYPES OF WORD: INVESTIGATION  
ABOUT BRAZILIAN PORTUGUESE SPEAKERS'  
INTUITION**

Camila Witt Ulrich\*

Luiz Carlos da Silva Schwindt\*\*

12

**RESUMO:** Neste artigo, abordamos o estatuto da palavra nos estudos linguísticos, retratando seu percurso histórico ao longo das mais diversas correntes teóricas e suas diferentes classificações nos módulos da gramática. Para debater essas questões a partir da percepção de falantes do PB, trazemos resultados de dois experimentos que envolvem tanto o conceito que os sujeitos atribuem ao termo palavra quanto as propriedades que a caracterizam (Aronoff & Fudeman, 2005), como ordem fixa, integridade, não separabilidade, acento etc. Os resultados obtidos nos experimentos sugerem que os falantes não se utilizam de um só critério, mas que fazem uso de diferentes propriedades do conhecimento linguístico, a depender do exercício em questão, para caracterizar palavra.

**PALAVRAS-CHAVE:** palavra; palavridade; morfofonologia.

**ABSTRACT:** In this article, we approach the statute of word in linguistic studies, portraying its historic route over the most diverse theoretical currents and its different classifications in the modules of grammar. To debate these questions through the perception of PB speakers, we bring results from two experiments which involve both the concept that people attribute to the term word and the properties that characterize it (Aronoff & Fudeman, 2005), as fixed order, integrity, non separability, stress etc. The results obtained in the experiments suggest that speakers do not take into account only one criteria, but different properties of linguistic knowledge, depending on the exercise in question, to characterize word.

**KEYWORDS:** word; wordhood; morphophonology.

## 1. Introdução

Por meio da competência linguística, qualquer falante é capaz de identificar palavras da sua língua, assim como é capaz de reconhecer seus padrões e características. Esses conceitos estão relacionados ao que convencionamos chamar *palavridade*, do inglês *wordhood* – termo adotado em Aronoff & Fudeman (2005) para tratar das características que definem uma palavra.

1\* Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; camilawittulrich@gmail.com.

2\*\* Professor adjunto do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; schwindt@ufrgs.br.

No entanto, definir *palavra*, apesar da recorrência da expressão, é uma tarefa desafiadora, já que se trata de um termo que se define diferentemente, a depender do componente da gramática a partir do qual o observamos. Aronoff & Fudeman (2005, p. 32) asseguram que “existem várias maneiras de definir uma palavra, mas nenhuma definição é inteiramente satisfatória”. Também Villalva (2008, p. 18) afirma que “a definição de *palavra* é [...] uma questão complexa e tem dado origem a vários debates, dado que os diversos níveis de análise linguística usam critérios e procuram respostas não necessariamente coincidentes”.

Observando-se a dificuldade teórica na definição do termo *palavra*, optamos por investigar o modo como os falantes de PB concebem o tema. Nosso objetivo é encontrar respostas para quatro questões-base: (i) como os falantes definem palavra?; (ii) como eles identificam os limites entre as palavras?; (iii) os falantes identificam todas as sílabas portadoras de tonicidade?; (iv) os falantes aceitam intercalação de elementos tanto em compostos quanto em idiomatismos?.

A fim de responder às questões acima, desenvolvemos dois experimentos, os quais serviram à verificação da intuição de falantes de PB sobre a definição de *palavra* e suas diferentes propriedades, vinculadas a cada um dos componentes da gramática.

Na seção 1 do presente artigo, debatemos a relevância da *palavra*, se comparada ao morfema, nas principais correntes do pensamento linguístico. Na seção 2 tratamos de *palavridade*, ou seja, das propriedades exigidas para que uma estrutura se caracterize como uma palavra. Na seção 3 descrevemos os diversos tipos de palavra, focando, principalmente, na falta de isomorfismo entre algumas estruturas prosódicas e morfológicas. Na seção 4 apresentamos nossa investigação empírica, que se constitui de dois experimentos – um presencial e outro virtual. Para cada um dos experimentos, exibimos a metodologia utilizada e os principais resultados obtidos. Por fim, sumariamos nossas principais conclusões.

## 2. O termo *palavra* nos estudos linguísticos

Em decorrência de seus diferentes pressupostos e objetivos, o entendimento sobre o que caracteriza uma *palavra*, bem como o juízo de importância atribuído a essa entidade para a análise linguística, variou nas mais diversas correntes teóricas da Linguística.

Até o século XIX, dentre os pré-estruturalistas, a *palavra* era o foco dos estudos linguísticos. Historicistas e, sobretudo, comparatistas valiam-se de partes de palavras tão somente para identificar semelhanças e diferenças entre línguas e/ou famílias linguísticas, sem atribuir qualquer *status* privilegiado a essas unidades. O objetivo era buscar regularidades, a partir do estabelecimento de relações paradigmáticas envolvendo palavras ou “pedaços” de palavras. Essas regularidades permitiam mapeamentos geográficos num dado momento visando à reconstituição de uma suposta protolíngua.

No estruturalismo, contudo, e de modo especial no distribucionalismo norte-americano, o destaque não estava mais na palavra, mas no morfema. Nessa corrente, marcada por um grande avanço dos estudos em morfologia, desenvolveram-se técnicas sofisticadas de apreensão de unidades menores do que a palavra. Como afirma Rocha

(2008, p. 28), “em síntese, o estruturalismo preocupou-se em: a) fazer a segmentação dos morfemas; b) proceder à classificação dos morfemas”.

Para alcançar o objetivo de chegar a unidades mínimas de análise, os estruturalistas sustentavam alguns princípios bastante rígidos, como o da *biunivocidade*, que impunha que unidades significativas e unidades sonoras fossem mapeadas numa relação de um-para-um. A dificuldade encontrada na classificação de sons sem um significado específico ou de significados sem uma contraparte fonético-fonológica, entre outros aspectos, contribuiu para o arrefecimento das ideias estruturalistas, sobretudo para o questionamento da hipótese de centralidade do morfema.

A corrente gerativista, apesar de não ignorar a existência de morfemas, retomou a centralidade da palavra na análise linguística, já concebida como elemento terminal da sintaxe. Por defender uma concepção de “processo”, em oposição à abordagem de “arranjo” defendida pelo estruturalismo, morfemas, nesta corrente, passam a ser analisados por seu papel nas regras que formam palavras da língua.

Inserido nessa perspectiva, Chomsky (1965) admitiu a existência de um componente lexical composto por afixos e morfemas, enquanto a sintaxe ainda tinha total responsabilidade pelo processo de formação de palavras. Na proposta defendida pelo autor em 1970, contudo, também o léxico se estrutura a partir de um sistema gerativo, onde operam regras morfológicas responsáveis por formar palavras – ideia conhecida tradicionalmente como hipótese lexicalista.

### 3. Palavridade: as propriedades de uma *palavra*

O termo *palavridade* está aqui empregado como uma tradução para *wordhood*, conceito muito utilizado e discutido na literatura. Esse termo é usado pra tratar das propriedades que permitem rotular um objeto linguístico como *palavra*; entre essas propriedades, podemos citar o domínio dos seus limites e dos processos envolvidos em sua formação.

Como mencionamos na introdução desse trabalho, apresentar uma definição única e concisa para o termo *palavra* é tarefa complicada. Diante dessa dificuldade, Aronoff & Fudeman (2005), ao abordar o tema, ao invés de elencar as características que constituem uma *palavra*, optam por discutir as propriedades que permitem decidir sobre o que *não* pode ser considerado *palavra*. As características sugeridas pelos autores, responsáveis por diferenciar ora palavras e sintagmas, ora palavras e morfemas, são: (i) ordem fixa dos elementos dentro de uma palavra, (ii) não separabilidade e integridade; (iii) acento.

#### *(i) ordem fixa dos elementos dentro de uma palavra*

A propriedade de ordem fixa postula que, ao contrário do que acontece em sintagmas e frases, os elementos da palavra têm posições determinadas e invariáveis. Os autores trazem o exemplo da palavra *unbreakable* (*inquebrável*), do inglês, que não permite outro ordenamento de seus constituintes, como em *\*unablebreak* ou *\*breakableun*. Em português, poderíamos citar como exemplo *ilegalmente*, que não se

configuraria como *\*legalmente* ou *\*menteillegal*, apesar de esses contextos fonotáticos serem possíveis na língua.

Nos sintagmas e nas frases, por outro lado, temos uma liberdade maior em relação à forma. Uma frase de estrutura sintática SVO (sujeito–verbo–objeto) pode, por vezes, ser transformada em SOV (sujeito–objeto–verbo), sem que o significado seja alterado, como em *João correu a maratona* ~ *João a maratona correu*. É evidente que há limites para reordenamento de constituintes sintáticos, sob pena, inclusive, de se comprometer o significado (ex. *João abraçou Paulo* ou *Paulo abraçou João*), mas não há dúvida de que tais constituintes gozam de muito maior liberdade nesse quesito do que constituintes mórficos.

(ii) *não separabilidade e integridade*

Além de possuírem uma estrutura fixa e invariável, palavras, em geral, não podem ser quebradas por qualquer material segmental (com exceção de infixos ou consoantes epentéticas). Essa propriedade, chamada de *não separabilidade* (do inglês *non separability*), vale para palavras simples, derivadas ou compostas.

Em português brasileiro, podemos utilizar como exemplo o composto *guarda-roupa*. Ainda que o objeto designado por esse substantivo possa servir para guardar muita roupa, não se espera, estruturalmente, que se designe como *\*guarda-muita-roupa*. Sentenças, por outro lado, podem sofrer intercalações de alguns elementos, como é o caso particularmente do advérbio *muito*, abaixo exemplificado.

- (1) Muito joguei futebol.  
 Joguei muito futebol.  
 Joguei futebol muito.

A *integridade* – propriedade relacionada diretamente com a *não separabilidade* – diz respeito, por exemplo, a não aplicação de processos sintáticos a pedaços da palavra. Aronoff & Fudeman (2005) apresentam como exemplo a impossibilidade de se atribuir plural em inglês a apenas uma das partes de um composto (ex. *\*dogshouse*). Para o nosso idioma, um exemplo correspondente a essa má formação seria *\*decreto-leis*, em que a exigência de se estender o plural a todo o composto força, considerando-se a relação determinante – determinado do português, a se pluralizar *decretos* neste caso.

Outro exemplo de Aronoff & Fudeman, que compara o sintagma *green house* (*casa verde*) ao composto *greenhouse* (*estufa*) em sua relação com um advérbio, pode ser bastante ilustrativo da exigência da propriedade de *integridade da palavra*.

- (2) a. a very green house (*uma casa muito verde*)  
 b. \*a very greenhouse

(Aronoff & Fudeman, 2005, p. 38)

No exemplo (2), a palavra *green* pode ser modificada pelo advérbio *very* (*uma casa muito verde*); contudo, este mesmo advérbio não pode modificar *green* quando esta estrutura faz parte do composto.

Adaptamos o exemplo dos autores para o português brasileiro na forma do sintagma *amor perfeito* e do substantivo composto *amor-perfeito*.

- (3) a. um amor muito perfeito  
b. \*um muito amor-perfeito

Como em (2b), a palavra composta, em (3b), não pode ser modificada pelo advérbio, por força do princípio de *integridade*.

(iii) *acento*

Os compostos em língua inglesa também podem ser diferenciados de sintagmas ou frases pela localização do acento fonológico. Em geral, as palavras compostas são acentuadas em seu primeiro elemento (ex. *hot*, em *hot dog*), enquanto sintagmas são normalmente acentuados em seu último elemento. Os autores citam como exemplo a distinção entre as pronúncias da palavra *hot dog* (*cachorro-quente*) e do sintagma *hot dog* (*cachorro quente*).

- (4) a) We ate two **hot** dogs each (*Nós comemos dois cachorros-quentes cada*)  
b) The hot **dogs** ran for the lake (*Os cachorros quentes correram para o lago*)  
(Aronoff & Fudeman, 2005, p. 38)

Em (4a), temos a representação do composto *cachorros-quentes*, cujo acento está grafado em negrito no primeiro elemento; o exemplo (4b), por outro lado, mostra a pronúncia padrão do sintagma nominal *cachorros quentes*.

Apesar da validade desses exemplos para a língua inglesa, em português brasileiro não há mudança acentual que diferencie compostos e sintagmas. As análises em PB mostram que ambas as estruturas podem apresentar mais do que um acento primário, como verificamos também em *guarda-roupa*, em que *guarda* e *roupa* possuem acentos independentes, assim como acontece nos sintagmas.

A partir das três propriedades estudadas nesta seção, podemos diferenciar palavras de outras estruturas linguísticas. A definição de *palavra*, porém, não se resolve sem que se faça referência ao componente da gramática em análise, como veremos na próxima seção.

#### 4. As diferentes classificações de *palavra*

Apesar da possibilidade de qualquer falante de um idioma reconhecer uma palavra de sua língua, apresentar uma definição para *palavra* não é tarefa fácil, já que não há uma propriedade única capaz defini-la. Conforme Schwindt (2014), a definição do termo *palavra* pode ser enfocada através da ortografia, da fonologia, da morfologia, da sintaxe e do léxico. Podemos, em outros termos, dizer que há vários tipos de palavra, a depender do nível da linguagem utilizado para abordar esse elemento.

Na **língua escrita**, o conceito de palavra está diretamente ligado à união de grafemas separados por espaços em branco e sinais de pontuação. Os limites entre palavras gráficas são estabelecidos por regras e normas de escrita padrão e não têm relação necessária com características fonológicas ou morfossintáticas, embora estas coincidam na maioria das vezes. Pelo fato de, por vezes, a grafia retratar relações sintáticas fazendo uso de uma só palavra fonológica – como em *embaixo* –, ou de sintagmas – como em *em cima* –, aprendizes da escrita não raramente se utilizam de segmentações não convencionais – ex. *derrepente*, *de vagar* (cf. Cunha, 2010).

No âmbito da **fonologia**, a palavra é caracterizada por possuir maximamente um acento primário e/ou por ser domínio de algumas regras específicas.

Segundo Booij (1983), a palavra fonológica<sup>3</sup> (*PWd*, de *prosodic word*):

- (i) é portadora de relações de proeminência – há relação forte-fraco entre as estruturas que a constituem, particularmente sílabas e pés métricos;
- (ii) é domínio de aplicação de regra fonológica – algumas regras acontecem apenas no domínio da palavra prosódica, como, por exemplo, a neutralização da vogal pretônica e a harmonia vocálica;
- (iii) é o domínio de restrições fonotáticas – em algumas línguas, uma determinada estrutura pode ser considerada uma palavra fonológica ou não, dependendo do seu padrão fonotático (há línguas que só aceitam palavras fonológicas com mais de uma sílaba, por exemplo).

No PB, de acordo com Bisol (2004), todas as palavras prosódicas parecem apresentar acento primário<sup>4</sup>.

Já para a **morfologia** e para a **sintaxe**, a *palavra* (*MWd*, de *morphosyntactic word*) pode ser tomada como sinônimo de vocábulo formal, nos termos de Camara Jr. (1969). As formas livres (ex. *luz*, *casa*, *amigo*) e as formas dependentes (ex. *com*, *de*, *o*) caracterizam-se como palavras morfossintáticas por aparecerem de forma isolada nas sentenças e desfrutarem de certa mobilidade. No domínio da sintaxe, palavras são entendidas como nós terminais de estruturas frasais, ou seja, as unidades mínimas constitutivas de uma sentença.

Além das noções apresentadas acima, podemos definir a palavra morfossintática como um dos membros do paradigma de um item lexical. A palavra, ou **lexema**, é um item listado no léxico. É uma unidade abstrata e é parte do conhecimento de um indivíduo acerca de sua língua (cf. Rosa, 2009). O lexema deve pertencer a alguma das classes abertas, as quais podem apresentar processos flexionais.

Assim, formas flexionadas do verbo em português, como *amamos* e *amemos*, pertencem ao mesmo lexema, AMAR, apesar de serem palavras morfossintáticas

3 Os termos palavra fonológica e palavra prosódica se equivalem no domínio da Fonologia Prosódica.

4 Temos de ressaltar que podem existir palavras prosódicas sem nenhum acento, como acontece com palavras lexicalmente inacentuadas no japonês de Tóquio, por exemplo, conforme aponta Elordieta (2014). Essa é a visão defendida por Nespor & Vogel (1986), que sustentam que a palavra se define por possuir *não mais do que um acento primário*. Dizer que toda palavra fonológica é acentuada em português implica, entre outros aspectos, assumir que clíticos ou afixos podem ser acentuados ou que não são palavras. Trata-se de uma decisão não trivial, com importantes implicações para a hierarquia prosódica.

diferentes. Rosa (2009, p. 83) afirma que um lexema como AMAR “representa a combinação virtual dos radicais que pode representar com todas as propriedades morfossintáticas com que se pode combinar” – ou seja, AMAR compreende as formas morfossintáticas *amo*, *amas*, *ama* e todas as demais flexões que o verbo pode assumir nos diversos tempos e modos.

#### 4.1 A relação entre PWD e MWd no PB

Uma vez se concebendo diferentes tipos de *palavra*, não há como se assegurar isomorfismo entre eles em termos de extensão, isto é, de coincidência entre os limites dessas unidades. Tomamos aqui para breve análise a relação entre palavras prosódicas e palavras morfossintáticas no português brasileiro.

Dentro do domínio da palavra fonológica, “pode ocorrer reagrupamento de sílabas e pés, sem compromisso de isomorfia com os constituintes morfológicos” (BISOL, 2005, p. 247).

Parece ser consenso na literatura que a palavra fonológica pode ser igual ou menor do que a palavra morfossintática. Booij (1983) e Vigário (2003), entre outros, acreditam que a palavra prosódica pode ser também maior do que um átomo sintático. É o mesmo que defendem Schwindt (2000, 2008, 2013) e Bisol (2004). Bisol enfatiza, contudo, que essa extensão da palavra só é alcançada em formas reestruturadas, em nível pós-lexical.

- (5) a.  $[[de]_w[chuva]_w]_\omega$   
 $[[de]_w[mente]_w]_\omega = [[demente]_w]_\omega$
- b.  $[[chuva]_\omega]_w$   
 $[[mente]_\omega]_w$
- c.  $[[guarda]_\omega[chuva]_\omega]_w$   
 $[[so]_\omega[mente]_\omega]_w = [[só]_\omega]_w [[mente]_\omega]_w$

Em (5a), trazemos exemplos de palavras prosódicas ( $\omega$ ) maiores do que palavras morfossintáticas ( $w$ ). Esses casos são encontrados quando há alguma estrutura morfossintática inacentuada que é unida a um hospedeiro fonológico. Bons exemplos são encontrados em estruturas com artigos (ex. *o*, *a*) e pronomes átonos (ex. *me*, *se*, *lhe*), chamados clíticos. Os exemplos de (5b) são muito frequentes e retratam os casos em que a palavra fonológica e a palavra morfossintática são isomórficas. Já em (5c), temos casos de palavras fonológicas menores do que átomos sintáticos. Exemplos como esses são encontrados em formações compostas (ex. *guarda-roupas*) e em formações com prefixos ou sufixos chamados posicionais, de acordo com Schwindt (2000). Alguns exemplos são formações com os prefixos *pré-*, *pró-*, *pós-* ou com os sufixos *-inho/-zinho* e *-mente*, que parecem funcionar de forma independente para alguns processos da língua.

Podemos reconhecer palavras prosódicas, então, a partir da existência de um acento primário ou de características ou processos fonológicos que acontecem no seu



domínio. Citamos como exemplo a distinção fonológica entre os segmentos destacados em *sub[s]istema* e *sub[z]ídio*. O prefixo *sub-*, ao se incorporar à base livre *sistema*, não tem qualquer papel sobre o traço de vozeamento da consoante inicial da base. Já em *subsídio*, podemos ouvir a consoante inicial da suposta base, *sídio*, pronunciada tanto de forma vozeada (na maioria das vezes) quanto desvozeada. Essa indefinição se deve ao fato de poucos falantes identificarem, sincronicamente, um limite mórfico entre prefixo e base neste caso, ficando o valor do traço de vozeamento na dependência de uma informação lexical (considerando-se que tanto /s/ quanto /z/ podem aparecer neste contexto em português). Dizemos, então, que, para grande parte dos falantes do português brasileiro, no caso de *subsídio*, contamos com uma só unidade acentual, já que temos uma só palavra fonológica.<sup>5</sup>

A mudança da qualidade vocálica nas palavras *pr[e]conceito* e *pr[ɛ]-conceito* revela a diferença de *status* morfológico desta sílaba inicial. Interessantemente, falantes de PB se utilizam desse par de palavras para estabelecer contraste entre significados distintos. O elemento *pre-* é considerado um prefixo de baixa produtividade em PB e *pré-*, por outro lado, um prefixo muito produtivo. A forma produtiva apresenta uma vogal média-baixa, [ɛ], que, em muitos dialetos do PB, é privilégio de posições tônicas. Isso permite classificar o prefixo *pr[ɛ]-* como uma palavra prosódica independente (cf. Schwindt, 2000). A forma *pr[e]-*, por outro lado, já não é reconhecida por grande parte dos falantes, podendo ser interpretada como uma sílaba átona de uma base dentro de uma única palavra prosódica<sup>6</sup>.

O exemplo que acabamos de fornecer, envolvendo o contraste entre vogais médias-baixas e médias-altas em português, é, aliás, um dos testes mais seguros para determinação da fronteira de uma palavra fonológica em português (cf. Schwindt, 2013; Ulrich, 2016). Isso porque o processo que neutraliza a oposição entre esses sons (Camara Jr., 1975) tem como consequência a redução do inventário de vogais em diversos dialetos do português falado no Brasil. As vogais médias-baixas nos dialetos do sul do Brasil, por exemplo, estão restritas a sílabas acentuadas. Como uma palavra fonológica não pode ter mais do que um acento primário atribuído, formas como *pr[ɛ]-conceito*, com acento no prefixo e na penúltima sílaba da base, e também formas como *b[ɛ]linho*, *b[ɔ]lazineira*, *b[ɛ]lamente*, com acento na base e na penúltima sílaba da forma sufixada, devem ser consideradas como constituídas, cada qual, por duas palavras fonológicas. Formas, por outro lado, como *b[e]leza* ou *b[o]lada*, derivadas respectivamente de *b[ɛ]lo* e *b[ɔ]la*, sujeitaram-se ao processo de neutralização da vogal pretônica, com consequente elevação da vogal da base; constituem portanto, cada uma, apenas uma palavra fonológica.

5 Frise-se que isso não garante *status* de PwD a *sub-* em *subsistema*; tão somente assegura que se identifique um limite de PwD à esquerda de *sistema*, o que não a maioria dos falantes não identifica à esquerda de *sídio*.

6 Schwindt (2000) não descarta a possibilidade de prefixos *pre-* e *pos-*, produzidos com vogal média-alta, serem transparentes em PB; apenas afirma que, por se tratar de formas envolvidas em formações de estágios mais precoces no léxico, estão mais sujeitas tanto a processos do interior da palavra, como a neutralização da pretônica, quanto à completa lexicalização.

## 5. Investigação empírica

Lieber (2010, p. 3) observa que, apesar de todos os falantes saberem o que é uma palavra, e de poderem listar muitas palavras de diversos tipos, qualquer um ficará confuso se tiver de defini-la.<sup>7</sup> No espírito desse desafio, testamos a intuição de falantes de PB para sabermos, entre outros aspectos, como estes informantes definem e reconhecem o que tradicionalmente se designa pelo termo *palavra*. A análise empírica que descrevemos aqui fundamenta-se em Ulrich (2013).

A fim de oferecer uma resposta às questões norteadoras deste estudo, desenvolvemos dois experimentos – um aplicado presencialmente e outro, virtualmente – que se diferenciam em relação ao método utilizado e aos tipos de exercícios elaborados.

Apresentamos em um primeiro momento o experimento realizado presencialmente, com detalhes de sua metodologia e seus principais resultados; em seguida, apresentamos o experimento realizado virtualmente, também com informações metodológicas seguidas dos resultados mais relevantes.

### 5.1 Experimento presencial

O experimento presencial constituiu-se de três exercícios: (i) definição de *palavra*; (ii) segmentação de sequências sonoras em palavras; (iii) identificação de sílabas tônicas. Este primeiro experimento foi realizado presencial e individualmente por contar com exercícios que demandavam grande atenção por parte dos informantes e dos pesquisadores no momento de aplicação das questões.

#### 5.1.1 Metodologia

O experimento presencial foi aplicado a 50 informantes, todos falantes nativos de português brasileiro e moradores da região sul do país, mais especificamente, da área conhecida como região metropolitana de Porto Alegre, incluindo-se a capital. Boa parte destes informantes possuía entre vinte e quarenta anos e estava cursando ou já havia concluído algum curso superior.

No momento de coleta das respostas, os informantes utilizavam um fone de ouvidos com microfone *headset* para o registro oral e tinham acesso a uma tela, onde eram projetados os enunciados dos exercícios propostos.

O primeiro exercício do teste trazia um questionamento sobre a definição do termo *palavra*. O informante lia a questão “O que é palavra?” e apresentava um conceito que lhe vinha à mente. O objetivo desse exercício era ver quais critérios um falante do PB geralmente leva em conta na hora de definir o que é uma palavra e quais as primeiras propriedades ou características de *palavra* que lhe ocorrem ao ser inquirido sobre o termo.

<sup>7</sup> Trecho original: “Ask anyone what a word is and... they’ll look puzzled. In some sense, we all know what words are – we can list words of various sorts at the drop of hat. But ask us to define what a word is, and we’re flummoxed” (LIEBER, 2010, p. 3).

No segundo exercício do experimento presencial, o informante tinha acesso apenas ao arquivo de áudio de uma frase. A tarefa proposta era escutar a frase e dizer quantas e quais eram as palavras apresentadas na sentença. Visando a identificar os padrões de segmentação estabelecidos pelos informantes, as frases do teste possuíam clíticos/formas dependentes (ex. *a, o, de*), compostos (ex. *alto-falante, guarda-chuva, segunda-feira*), idiomatismos (ex. “*levou ao pé da letra*”, “*bateu as botas*”), afixos composicionais (ex. *pré-estreia, superpotente, testezinho, novamente*), além de expressões que, do ponto de vista gráfico, ora seguem padrões fonológicos, ora morfossintáticos (ex. *devagar, de repente, depressa*).

O último exercício do experimento presencial era constituído de um teste de identificação de sílabas tônicas. Como vimos anteriormente, palavras fonológicas e morfossintáticas nem sempre coincidem em relação ao tamanho, ou seja, às vezes podemos ter dois acentos dentro de uma palavra mórfica ou duas palavras mórficas recebendo apenas um acento. Na execução do exercício, o entrevistado lia uma palavra na tela do computador e precisava dizer qual ou quais eram as sílabas tônicas.<sup>8</sup> Para a constituição do teste, utilizamos palavras simples, palavras compostas e palavras derivadas com afixos composicionais.

### 5.1.2 Resultados

A primeira questão do experimento presencial envolvia a conceituação do termo *palavra*. A resposta era dada oralmente no momento em que os informantes liam a questão projetada em uma tela de computador. Para essa questão, tivemos os seguintes resultados:

- (i) 58%<sup>9</sup> dos informantes (29/50) definiram *palavra* falando em significado/expressão/sentido (ex. *é uma forma de comunicação; é a expressão de uma ideia*);
- (ii) 54% (27/50) usaram noções de escrita ou falaram em letras e sílabas (ex. *é formada por letras e por sílabas; o resultado de organização de letras*);
- (iii) 16% (8/50) falaram em sons ou expressão oral (ex. *é uma coisa que todo mundo fala todos os dias; é o que a gente fala*).

Azuaga (1996, p. 216) afirma que “conhecer uma palavra implica [...] saber o que significa e como é pronunciada”. De fato, o domínio da pronúncia é essencial no conhecimento do léxico de uma língua, mas, destaque-se, os informantes desse experimento levaram em conta em sua definição, em primeiro lugar, o significado, e, em segundo, a escrita, deixando em terceiro plano as propriedades fonético-fonológicas.

<sup>8</sup>Apesar de o acento estar entre as propriedades que caracterizam o conhecimento linguístico, não é raro que os falantes titubeiem quando chamados a identificar a sílaba tônica de uma palavra, considerando outras proeminências, como a do acento secundário, ou mesmo enxergando dois acentos primários numa só palavra (possível evidência de mais de uma palavra fonológica). Lapsos comuns de grafia, como *inéditamente* ou *sózinho*, são evidências disso.

<sup>9</sup> É importante observar que o cálculo da porcentagem não tem como resultado 100% porque uma mesma pessoa pode ter dado uma resposta envolvendo dois ou três desses aspectos (ex.: *é um conjunto de letras com um significado*).

No segundo exercício do experimento, os informantes, após escutarem um arquivo de áudio, precisavam dizer quantas e quais palavras eles estavam identificando na frase. Considerando o limite físico deste artigo, apesar de o experimento contar com 14 frases, apresentaremos apenas os resultados que consideramos mais relevantes para a discussão que empreendemos aqui.

(i) *O alto-falante do carro é superpotente*

Ao escutar essa sentença, 1 informante identificou a existência de 4 palavras (2%); 4 consideraram a existência de 5 palavras (8%); 2 contaram 6 palavras (4%); 14 contaram 7 palavras (28%); 29 contaram 8 palavras (58%). A maior parte dos participantes contou 8 estruturas (morfológicas), que, neste caso, não estão em consonância com as estruturas gráficas. As palavras encontradas, em geral, foram: [o], [alto], [falante], [do], [carro], [é], [super] e [potente]. No caso de [alto-falante], foram 11 (22%) os informantes que consideraram a estrutura como uma só palavra. Alguns dos informantes que não consideraram o composto como uma única palavra admitiram reconhecer o significado independente dessa estrutura, mas, ainda assim, talvez influenciados pela frequência de ocorrência isolada das bases que compõem essa formação composta, optaram por classificá-la como constituída por duas palavras.

Além disso, só um informante contou [superpotente] como uma única estrutura. É importante observar que a pronúncia da frase no arquivo de áudio era feita de forma espontânea e não havia nenhum tipo de pausa entre essas palavras. Portanto, esse dado sugere que *super* foi, possivelmente, identificado pelos informantes como um advérbio de intensidade (assim como *muito*, por exemplo), e não como um prefixo da língua.

(ii) *Aquele menino correu devagar*

A estrutura *devagar* já está cristalizada em português brasileiro e poucas pessoas parecem reconhecer a existência da preposição *de* incorporada à forma livre *vagar*. No nosso exercício, quatro informantes identificaram cinco palavras na sentença, separando, portanto, *devagar* em duas palavras distintas. Possivelmente, esse dado esteja representando um caso de hipercorreção: os informantes sabem que expressões como *de repente* ou *por acaso* são grafadas com espaço em branco, e podem ter estendido essa generalização a *devagar*. A maior parte dos participantes da pesquisa, porém, identificou quatro palavras na sentença (46 informantes, 92%). Essa contagem está de acordo tanto com critérios gráficos quanto com critérios fonológicos e morfosintáticos, já que aí se constata, em princípio, coincidência de extensão dos diferentes domínios.

(iii) *Aquele menino correu de repente*

A frase apresenta a locução *de repente*, que geralmente causa incerteza a muitos informantes que tentam utilizar critérios gráficos para decidir o número de palavras em uma sentença.

Em relação a essa frase, apenas 14 sujeitos contaram 5 palavras (28%), coincidindo com a maneira com que a frase é escrita. Devido ao baixo número de sujeitos que optaram por essa contagem de palavras, podemos afirmar que o critério gráfico não foi prevalente nessa avaliação.

36 informantes (72%), por outro lado, identificaram 4 palavras nesta sentença: [aquele], [menino], [correu] e [derepente]. Essa escolha tem grande chance de ter sido motivada fonologicamente, pelo fato de *de repente* formar uma única palavra fonológica. Outra possível explicação para o resultado encontrado é a de que os falantes desconhecem a forma escrita para essa estrutura, mesmo com altos índices de escolaridade.

Na computação geral das sentenças, quando da análise de clíticos, os informantes contavam estruturas separadas, utilizando, portanto, critérios ortográficos ou morfossintáticos; quando da análise de compostos, os informantes oscilavam entre a contagem de palavras gráficas e/ou morfossintáticas e a contagem de palavras fonológicas. Contudo, com base em depoimentos dos informantes no momento da coleta de dados, critérios de língua escrita parecem ter prevalecido.

O terceiro e último exercício do experimento presencial avaliava a identificação de sílabas portadoras de tonicidade em diferentes tipos de formações. As respostas para este exercício serão apresentadas de acordo com a seguinte classificação: (i) palavras simples; (ii) palavras compostas; (iii) palavras com afixos composicionais.

Para as palavras simples, a maior parte dos falantes identificou a sílaba portadora do acento primário. Quando a resposta era outra que não a esperada, estava, na maior parte dos casos, relacionada com o acento secundário da palavra, como *bu* em *jabuticaba*.

Para as palavras compostas, muitos informantes perguntavam se precisavam eleger só uma ou se podiam escolher mais de uma sílaba tônica. A orientação era de que eles podiam assumir o critério que desejassem, de acordo com sua intuição de falantes da língua. No caso da palavra *pé de pato*, por exemplo, 70% dos informantes identificaram *pé* como a sílaba mais forte e 18% identificaram *pa* como sílaba acentuada. Isso parece mostrar que as pessoas identificam proeminência em cada uma partes de um composto, mas estão sujeitas a uma hipótese de isomorfismo entre a unidade fonológica e a unidade morfossintática, o que as leva a supor que a expectativa da tarefa poderia ser a de que se escolhesse uma só sílaba forte.

No grupo de palavras formadas pelos sufixos acentuados (composicionais, do ponto de vista prosódico, conforme Schwindt, 2000, 2008, 2013), cabe destacar os resultados obtidos para as palavras *bolinha* e *solzinho*. No caso de *bolinha*, os informantes identificaram como mais forte a sílaba *bo* (60% das respostas) e somente 32% dos informantes registraram *li* como a sílaba mais proeminente. Isso nos leva a crer que na sílaba *bo*, tradicionalmente classificada como pretônica, os falantes veem algum tipo de proeminência. Para as sílabas *sol* e *zi* da palavra *solzinho*, os dados correspondem, respectivamente, a 52% e 46% das respostas. Notamos que, assim como

em *bolinha*, a sílaba habitualmente entendida como pretônica teve um índice de identificação de proeminência ainda um pouco mais alto do que a sílaba *zi* – sílaba pertencente a *-zinho*, sufixo autoacentuado nos termos de Schwindt (op. cit.).

## 5.2 Experimento virtual

O experimento virtual constituiu-se de dois exercícios: (i) definição de *palavra*; (ii) intercalação de elementos no interior de compostos e idiomatismos. Este experimento, por contar apenas com uma questão mais geral e um exercício de múltipla escolha, pôde ser realizado virtualmente, o que nos permitiu aplicá-lo a um número maior de informantes do que atingimos com o experimento presencial.

### 5.2.1 Metodologia

O experimento virtual foi aplicado a 250 informantes de diversas idades. Do número total de informantes, 125 sujeitos (42%) estão fazendo curso superior e 82 (32,8%) já possuem educação superior completa.

Os exercícios do experimento foram ancorados e aplicados através da plataforma SurveyMonkey<sup>10</sup>, que permite a criação de questionários *online* para pesquisas com diversos fins, bem como o armazenamento de dados e a geração de informações estatísticas e gráficos com as respostas dadas pelos informantes.

No momento em que acessavam o *website* do questionário, os informantes deviam preencher os campos nome, sexo, idade, localidade, escolaridade e curso superior, sendo que apenas idade e escolaridade eram quesitos obrigatórios.

Para a primeira questão – o que é uma palavra? –, os sujeitos eram instruídos a descrever, em no máximo 100 caracteres, o conceito que lhes vinha à mente, e eram avisados de que não havia um gabarito para a questão. Nosso objetivo era o de verificar que critérios o informante leva em conta ao conceituar *palavra* – se critérios gráficos ou puramente linguísticos (e, neste último caso, se fonológicos ou morfossintáticos).

No segundo exercício do experimento, os informantes deviam ler a frase-matriz, desconsiderando a existência de sinais gráficos, e as frases apresentadas nas alternativas, em que o advérbio/adjetivo *muito* era encaixado em diversos locais da frase – inclusive no interior de compostos e idiomatismos –, como no exemplo abaixo.

- (6) Comprei um cachorro quente.
- a) Muito comprei um cachorro quente.
  - b) Comprei muito um cachorro quente.
  - c) Comprei um muito cachorro quente.
  - d) Comprei um cachorro muito quente.
  - e) Comprei um cachorro quente muito.

10 Disponível em <http://surveymonkey.com>.

A instrução dada era de que o sujeito poderia marcar todas as opções que fizessem sentido ou que fossem consideradas “boas” (com o sentido de bem formadas). Também poderia ser marcada a opção “nenhuma alternativa”, caso nenhuma parecesse aceitável nos padrões da nossa língua.

### 5.2.2 Resultados

A primeira questão deste experimento também envolvia uma noção geral a respeito de *palavra*. Algumas pessoas, depois de preencherem os campos idade e escolaridade, desistiam do questionário quando se deparavam com a primeira pergunta. Outras comentavam que estavam em dúvida sobre o que responder a respeito do conceito de *palavra*. Um dos informantes, inclusive, utilizou o espaço para demonstrar sua dúvida na resposta dada: “*Não consigo achar um conceito para palavra. Em um contexto de escrita, a palavra parece dar cor ao texto, contribuindo para que se compreenda a ideia que desejamos passar*”.

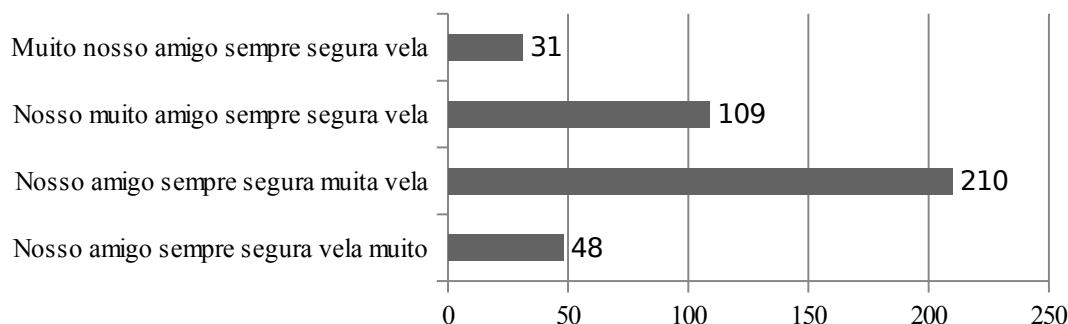
De modo bastante geral, podemos dizer que as ideias mais recorrentes nas respostas deste exercício foram: “conjunto de letras”, “algo com significado” e “uma maneira de expressar algo”. Tentando, em acréscimo, oferecer uma quantificação das respostas, chegamos aos resultados que seguem:

- (i) 62% dos sujeitos (155/250) falaram em significado, expressão ou comunicação (ex. *é a expressão do pensamento; é uma expressão usada para fazer referência a algo*);
- (ii) 52% (130/250) definiram *palavra* como conjunto de letras, caracteres ou algo escrito (ex. *é uma junção de letras para especificar ou nomear algo; é um conjunto de letras*);
- (iii) 24% (61/250) falaram em fonemas, sons ou fala (ex. *é qualquer som a que possa ser atribuído um sentido; um som que faz sentido completamente dentro ou fora de um contexto*).

No segundo exercício do questionário *online*, os informantes precisavam julgar o encaixamento da palavra *muito* em diversos lugares da sentença e dizer em quais delas a frase fazia algum sentido para eles. O experimento era constituído de oito sentenças, sendo que quatro delas apresentavam expressões idiomáticas e as outras quatro, palavras compostas.

Gráfico 1 – Intercalação de *muito* na sentença *Nosso amigo sempre segura vela*

### Nosso amigo sempre segura vela (231 informantes)



Em relação aos idiomatismos, podemos ver no Gráfico 1 que a opção preferida pelos informantes (o que aconteceu também nas outras frases) foi aquela em que *muito* está inserido dentro da expressão idiomática, ao lado do verbo principal. Em todas as sentenças, esse tipo de estrutura (ex. *segura muita vela*) contou com a preferência de, no mínimo, 75% dos informantes. Isso possivelmente se explica pela posição típica da expressão *muito/a* (tanto figurando como advérbio quanto na qualidade de adjetivo).

No grupo dos compostos, a atitude dos falantes em relação à intercalação mostra-se menos clara. Nas quatro sentenças, a opção intercalada mais escolhida pelos falantes, assim como para as sentenças com idiomatismos, foi a opção em que *muito* tinha a função de advérbio e estava logo à direita do verbo (ex. *o guarda-roupa é muito grande*), com 70% de aprovação para a sentença contendo o composto *vira-lata* e mais de 90% de preferência para as que continham outros compostos.

Quanto à opção com intercalação no interior do composto (ex. *cachorro-muito-quente*), apresentamos um *ranking* de preferência considerando cada composto envolvido nas sentenças do teste:

- (i) *cachorro-muito-quente* – 46,5% de aprovação (3ª mais escolhida entre oito opções);
- (ii) *ferro-muito-velho* – 34,4% de aprovação (3ª mais escolhida entre oito opções);
- (iii) *guarda-muita-roupa* – 19% de aprovação (2ª mais escolhida entre seis opções);
- (iv) *vira-muita-lata* – 18,9% (6ª mais escolhida entre sete opções).

Embora com aceitabilidade relativamente tímida, já que de modo geral, os falantes parecem respeitar a inseparabilidade do composto, a aprovação dessas estruturas que admitem intercalação nos causa alguma surpresa. Embora não tenhamos pedido aos informantes que justificassem esse emprego, hipotetizamos, com alguma convicção, que essa ruptura do composto é apenas aparente, sendo produto de uma reestruturação de outro nível, possivelmente pragmático-discursivo (almejando, muitas vezes, alcançar efeito de humor na interlocução). Abre-se aí, de todo modo, espaço para aprimoramento da investigação.

## 6. Considerações finais

Este texto foi concebido a partir do entendimento amplamente disseminado na literatura da área de que o conhecimento internalizado de uma língua inclui a



identificação do objeto *palavra*, admitindo também que as dificuldades de definir esse objeto se devem ao fato de existirem diferentes tipos de palavra, cada uma fazendo referência a um componente gramatical, ou mesmo integrando outros sistemas, como o da escrita. Além de discutirmos as diferentes visões de *palavra*, apresentamos os principais resultados de um exercício empírico, constituído de experimentos aplicados presencial e virtualmente, que realizamos com o objetivo de explorar como falantes do PB reagem diante da tarefa de conceituar e delimitar palavras. Quatro questões orientam nossa leitura dos resultados, que serão apresentadas a seguir, acompanhadas de nossas principais conclusões.

(i) Como os falantes definem *palavra*?

De modo geral, podemos afirmar que os informantes definem *palavra* utilizando-se, preferencialmente, de noções semânticas. A maior parte dos informantes afirmou que uma palavra é algo que possui um significado, tanto no experimento presencial quanto no experimento virtual.

(ii) Como os falantes identificam os limites entre as palavras?

Para a segmentação de contínuos de fala em palavras da língua, os informantes utilizaram, em grande parte dos casos, a noção de palavra gráfica ou de palavra morfossintática. Em casos considerados duvidosos, por vezes os informantes utilizaram também recursos fonológicos, considerando, por exemplo, cada uma das partes do composto como uma palavra distinta.

(iii) Os falantes identificam todas as sílabas portadoras de tonicidade?

Os falantes, por conta de sua consciência fonológica, são capazes de identificar sílabas portadoras de proeminência, independentemente da estrutura morfológica da palavra em questão. Palavras compostas foram classificadas como portadoras de mais de um acento por diversos informantes. Palavras derivadas por afixos composicionais também tiveram sua sílaba pretônica (a sílaba tônica da palavra-base) considerada proeminente em algumas palavras.

(iv) Os falantes aceitam intercalação de elementos tanto em compostos quanto em idiomatismos?

No caso dos idiomatismos, a aceitação da intercalação de um elemento é quase categórica. Apesar de constituir uma unidade semântica, a estrutura sintática da expressão idiomática é livre para a intercalação de certos tipos de elementos, sem que a ideia principal seja prejudicada. Nas palavras compostas, para nossa surpresa, os informantes também pareceram aceitar a intercalação de *muito*, ainda que mais timidamente. Esses dados, contudo, refletem usos em condições pragmático-discursivas muito específicas, em nossa compreensão, os quais merecem ser testados em trabalho futuro.

Ao compilar os resultados relativos aos exercícios desenvolvidos, vimos que os falantes se utilizaram de diferentes estratégias para decidir sobre o conceito e os limites de uma palavra. Nesse sentido, confirma-se a ideia que alimenta nosso ponto de partida: a identificação do objeto *palavra* está na dependência do conhecimento internalizado que os falantes têm de sua língua, os quais, diante da tarefa de defini-la, lançam mão de critérios que dizem respeito a componentes, níveis e mesmo formas de apresentação da linguagem de natureza diversa.

## REFERÊNCIAS

- ARONOFF, Mark; FUDEMAN, Kirsten. *What is morphology?* Blackwell Publishing. 2005.
- AZUAGA, Luísa. Morfologia. In: FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês; GOUVEIA, Carlos (Orgs.) *Introdução à Lingüística..* Lisboa: Caminho. 1996.
- BISOL, Leda. Mattoso Câmara Jr e a palavra prosódica. *Revista Delta*, v. 20. São Paulo. 2004.
- BISOL, Leda. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, Leda (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.2005.
- BOOIJ, Geert. Principles and parameters in prosodic phonology. *Linguistics*, n. 21: 249-280. 1983.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis: Vozes. 1969.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão. 1975.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press. 1965.
- \_\_\_\_\_. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, Roderick; ROSENBAUM, Peter (eds.) *Readings in English transformational grammar*. Waltham: Blaisdell. 1970.
- CUNHA, Ana Paula Nobre da. As segmentações não-convencionais da escrita e sua relação com os constituintes prosódicos. *Cadernos de Educação UFPel*, v. 35. Pelotas. 2010.
- ELORDIETA, Gorka. The Word in phonology. In.: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; MENDÍVIL-GIRÓ, José-Luis. *To be or not to be a word: new reflections on the definition of word*. Cambridge Scholars Publishing. 2014, p. 6-65.
- LIEBER, Rochelle. *Introducing Morphology*. New York: Cambridge University Press. 2010.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. The phonological word (chapter 4). In: NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. New York: Foris Publications. 1986.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2008.
- ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. 5ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto. 2009.
- SCHWINDT, Luiz Carlos. *O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2000.

SCHWINDT, Luiz. Carlos. Revisitando o estatuto prosódico e morfológico de palavras prefixadas do PB em uma perspectiva de restrições. *Alfa*, v.52(2). 2008, p. 391-404.

SCHWINDT, Luiz. Carlos. Palavra fonológica e derivação em português brasileiro: considerações para a arquitetura da gramática. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela (org.) *Fonologia: teorias e perspectivas*. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2013a.

SCHWINDT, Luiz. Carlos. Neutralização da vogal pretônica e formação de palavras em português brasileiro. *Organon* (UFRGS), v. 28. 2013b.

SCHWINDT, Luiz. Carlos. Morfologia. In: SCHWINDT, Luiz Carlos (org.) *Manual de Linguística: Fonologia, Morfologia e Sintaxe*. 1ed. Rio de Janeiro: Vozes, v. 1.2014, p. 109-154.

ULRICH, Camila Witt. *Consciência sobre palavridade em português brasileiro*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2013.

ULRICH, Camila Witt. *A neutralização de vogais médias pretônicas e a formação de palavras complexas em PB: o caso dos sufixos -inho/-zinho, -mente e -íssimo*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2016.

VIGÁRIO, Marina. *The prosodic word in European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

VILLALVA, Alina. *Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta. 2008.

